

Sertão a produzir imagens: Subjetividade e Colonização

Stallone Pereira Abrantes¹

Resumo: O desígnio deste texto é refletir acerca das imagens produzidas pelo processo de colonização que atravessa a experiência e a constituição de nossa subjetividade. O norte dos escritos é perpassado por uma mulher do sertão paraibano que nos interpela a repensar a construção das imagens e dos processos coloniais que produzem nossa subjetividade.

Palavras-chave: Imagem; Subjetividade; Colonização; Sertão

Sertao to produce images: Subjectivity. and Colonization

Abstract: The purpose of this text is to reflect on the images produced by the colonization process that crosses the experience and constitution of our subjectivity. The north of the writings is permeated by a woman from the sertão of Paraíba who challenges us to rethink the construction of images and the colonial processes that produce our subjectivity.

Keywords: Image; Subjectivity; Colonization; Sertao

¹ Paraibano, gay e psicólogo. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente professor universitário no Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). Desenvolve ações em favelas, periferias e em movimentos sociais. Endereço Institucional: Av. Paris, 84 - Bonsucesso, Rio de Janeiro - RJ, 21041-020. Email: stallone_abrantes@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5329-9670>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9262390890243276>. Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

Introdução

Estes escritos ensaiam reflexões em torno da colonização das imagens, a partir das experiências de uma mulher negra de 61 anos moradora do sertão paraibano e que ao longo da sua vida não acessou o cinema, mas construiu inúmeras imagens em relação as artes e visualidades. A aposta dessa escrita se dá através de histórias que atravessam as experiências de quem escutou e o contato com quem conta (FAVERO, 2020). Por aposta entendemos a complexa articulação entre o fazer e o pensar, e por isso se inserimos no campo de embate no debate acerca do cinema e seus efeitos na sociedade contemporânea.

Repensar as imagens é um exercício contínuo de descolonização (MOMBAÇA, 2020), para tanto reportamos ao povo yorubá a partir da ideia de Exú, senhor dos caminhos, aquele que sempre come primeiro e come de tudo, o Deus que desconhece a fome, a boca do mundo, “Exú matou o pássaro ontem, com a pedra que arremessou hoje”, ensinando-nos a importância de repensar a ideia de tempo, o que para esse artigo é uma premissa singular de aposta na escrita e nas imagens.

Exú se presentifica para além das normas ortográficas e dos roteiros cotidianos presentes no cinema com ênfase na Europa e na América do Norte, reorganizar as ideias e saudar o primeiro dos orixás é mais que um desafio, é uma urgência, nas palavras da Yalorixá Beata de Yemonjá, Exú é ela mesmo com 71 anos após sobreviver ao seu parto em uma encruzilhada na Bahia. Tomar Exú como parte intrínseca dessas palavras faz parte da compreensão que ele é a própria comunicação, e que o cinema também comunica, podendo ser facilmente inserido sobre os domínios do Senhor das encruzilhadas.

Com Exú sendo o centro do mundo, a mulher observava as luzes dos postes, ainda que amareladas, envelhecerem ao longo dos dias, na rua ainda sem nome, permitindo o fluxo pequeno e intenso de moradores do bairro, cercado por pés de juremas, lajedos e mato seco. A mulher, certo dia, recebia a notícia da morte do seu marido, as pedras e o sangue marcavam as memórias que ficaram em outros tempos, as imagens e a mulher se evidenciam ao longo das narrativas.

Pensar a colonização das imagens, traz a prerrogativa que é necessário conceituar a esta ideia, a colonização não é uma informação relacionada a

um passado histórico, se fazem presente na realidade hodierna via a colonialidade e toda forma de violência racial. Renato Nogueira diz:

“A colonização é racista, o racismo é colonial, um alimenta o outro... Para Fanon, o racismo é determinado historicamente e funciona para a opressão sistemática de um povo, uma opressão que passa por instâncias políticas, jurídicas, econômicas e psicológicas... Segundo a perspectiva sociogênica, o racismo integra um complexo sócio-histórico que está na base da subjetividade, no núcleo da cisão colonial que determina quem está fora e quem está dentro.” (2020, p. 17)

A leitura que a colonização incidiu no entendimento de humanidade através da demarcação racial, encoraja nossos escritos de construir novas imagens em relação aos espaços que a mulher anteriormente citada vive, o sertão paraibano é um expoente fundamental para pensar sobre as imagens.

A mulher e o sertão

Aquele ferreiro preparava mais uma ferramenta para o trabalho na roça, exercício executado por décadas, tinha sete crianças e uma vontade inteira de abraçar o mundo. Uma delas sonhava em conhecer um cinema. Desde pequena se encantava com a possibilidade da iluminação e dos grandes rostos. No casebre rural, enquanto o cinema não havia chegado naquela região sobravam ondas do rádio pronunciando delicadamente uma canção que ela decorava palavra e melodia. No sítio não se sabia muito o significado disto, porém os dias não eram fáceis. Algo de sangue aguava os arredores. Gente morria por conta da terra, por vezes roubada, porém jamais esquecida.

Em meio a turbilhões de acontecimentos provocados pela multiplicidade de vidas ali presente, sempre que ouvia sons de ferro seu corpo respondia de maneira sensível, como se o encontro do martelo, do aço e do fogo fossem algo de outras vidas, evidenciando fortes conexões. Elementos que misturados não se desfaleciam no caminho, mas nunca da memória.

Pela janela, as estrelas ajudavam a iluminar alguns sonhos já engavetados pelo tempo. A morte repentina do ferreiro não aniquilou o desejo de cinema da menina. O assassinato do pai, as lembranças dele e das fortes marteladas ainda continuavam fortemente atravessadas pela vida da garota.

Um pássaro assoviava pelos cantos, a menina aos poucos crescia. Sua mãe havia fugido com algum homem que a enamorou, não saberia responder quem era ele, apenas se interessava por saber que no destino da sua genitora seria possível encontrar um cinema.

Morando com avó ouviu muitas histórias. As imagens dilatavam as pupilas no contato do mundo pela janela. Nas paredes retratos de décadas passadas de uma velhinha que sua avó não ousava pronunciar o nome, o rosto na fotografia parecia resistir e ainda permanecia intacta no barro frio que sustentava as paredes.

Muitas coisas eram movimentadas ao longo de cada escutar. A voz invadindo a janela ia se instalando no lar, tempos difíceis estavam por chegar. Construir modos de ver, perceber e se relacionar com a história daquela menina de antes que havia se tornado uma mulher. Mulher quente como o ferro ao sair do fogo.

A mulher, filha do ferreiro, parecia entender a ameaça. O seu tônus muscular se estremecia, estabelecendo uma relação com o que estava para além da janela, os afetos começavam a criar corpo. Agora, o medo se espalhava como sangue que ficavam nas ruas e nas torturas feitas nas vielas da madrugada quente daquela região sertaneja. Sua vida, suas narrativas construídas como num filme, onde os personagens se mesclavam e o roteiro tramava o atento olhar para o desenrolar da trama. Chão seco, vento quente e nuvens no céu azulado, extensões quilométricas de caatinga, marcados por pés surrados na poeira do vento que insistia no fechar das janelas. Fechar e abrir janelas, um ato para além do alcance das mãos. O vento continuava a circular pela estrada e a esbarrar pelas janelas, seu som ecoava entre as brechas das telhas, no chão poeira e barro misturado demarcava os passos ao longo da casa. Janelas fechadas abafavam vidas.

A mulher que havia se tornado ganhava o seu sustento lavando roupa de ganho e imaginava cada esfregar de mãos naquele açude sem fim e espelhar suas águas em seu rosto, o balanço das águas parecia uma assombração. No sertão, as águas ao produzirem imagens, barulhos e reflexos, também fazem aparecer imagens que não estão capturadas pela colonização, a exemplo da imagem abaixo:



Figura 1

Açude de São Gonçalo na Paraíba.

Fonte: Fotografia do autor, 2022

Descrição da Imagem:

A direita da imagem possui uma ilha verde, no centro da imagem um céu muito azul com nuvens brancas ao fundo, além de um açude com águas claras e com curvas longas, a esquerda da imagem uma ilha larga com vegetação densa.

A imagem acima não uniformiza e homogeneiza como já foi feito na literatura, no teatro, na mídia e nas artes a ideia de sertão, mas traz outros cenários presentes para a região. É pensar a água como um respiro, uma história a ser contada e exaltada, criar novas possibilidades de olhar e apresentar esses espaços. Há então um movimento como água de criar percursos, refrescar o pensamento e mergulhar noutra memória.

Como na obra de Albuquerque Júnior (2011) inventar um novo nordeste e um novo sertão se faz urgente. Apagar e rasgar as páginas engessadas que insistem em transformar as águas do sertão em tristeza e miséria é um exercício contínuo, não nos matando e aniquilando nossas imagens como diz Mobamça (2017). Quando pensamos a ideia da invenção estabelecemos uma reflexão e entendendo os jogos que sustentam a possibilidade de pensar como se constroem essa linha de raciocínio, Albuquerque Junior (2011) nos coloca que a região nordestina não se configura uma unidade que se apresenta com elementos diversos, mas que se constitui a partir de disputas de narrativas.

Nesta concepção, o Nordeste extrapola uma ideia de região e passa a ser um conceito, um modo de pensar e intervir na realidade na qual ele está atravessado, a concepção histórica de Nordeste surge a partir de um saudosismo com o período de escravidão e como forma de centralizar a valorização da produção artesanal e não industrial do Brasil.

No que se refere as imagens hegemônicas, o encontro com a paisagem, com o território que é vivo, possibilitou a construção não apenas de imagens que cristalizam um dado momento do sertão, mas a emergência de outras narrativas que não aparecem na mídia atual ou ainda na literatura, o desejo de compor imagens com o sertão paraibano emerge mediante as memórias de uma mulher que faz das imagens uma reflexão sobre a ideia de colônia., que está num imaginário social e que nas palavras de Krenak (2019) esvazia a vida em nome da razão. Vidas que facilmente se espalhavam pelo mundo (EVARISTO, 2011) experienciando os perigos trazidos pelo vento e pelo abafar do lar. Miudezas se embaralham com os perigos que compõe a circulação do vento. Na brisa havia intensidades desconhecidas que atingiam em cheio aquela mulher. Vento avassalador estremecendo não apenas nas janelas fechadas no clarão da lua. Ainda naqueles arredores, corpos transitavam na fronteira geográfica e corporal de alguns registros históricos de tempos passados.

Sete filhos, dois casamentos. Do primeiro casamento veio dois, negros como ela. Levava-os para as casas de família, onde vez por outra, ficavam na janela bonita onde trabalhava e engomava roupas. No fim da década de setenta, ainda adolescente, as imagens apareciam em sua vida como uma ferramenta de repensar o presente.

Falar e ouvir entre nós era talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeiro a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como 'cabeça' da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo. (EVARISTO, 2005, p. 204)

A mulher nos confronta a todo instante, os feixes de luzes e o clarão que estão nos postes não permitem que o escuro encubra as restas do telhado, algo faz impedir que o escuro se amplie e que nos chegue aos olhos e ao corpo. As luzes trazem a todo tempo a noção de humano em torno daquela mulher, que é preciso olhar para esse humano, afiando suas lentes, focando sua perspectiva e iluminando cada vez mais o mundo. As luzes encadeiam nossa história, transitando em nossos corpos e nos ensinando a pisar em folhas secas sem fazer barulho, como quem sabe que não pode pisar em falso, como quem tem uma única flecha (MÃE STELLA DE OXÓSSI, 1993).

História é para a mulher desses escritos um conceito fundamental, fortalecido através de um percurso comum, tendo em vista que não é raro encontrarmos outras mulheres negras que não acessaram espaços, não percebem as imagens enquanto lócus de produção subjetiva e constroem uma ideia homogênea em torno do chão que vive.

Durante a noite, o vento arrebatava portas e janelas, a mulher mais uma vez precisava no âmbito estético de sua existência criar narrativas sem pontos finais, mais uma criança e muita dor para constituir um percurso. Os olhos atentos e desajeitados das senhoras nas calçadas e os murmúrios que as árvores faziam se vinculavam ao restante da geografia daquele lugar, criando ficções e histórias múltiplas, como um milagre produzido pelo cinema nas suas explosões de imagens.

O sensível articulado a uma ética das imagens (MOMBAÇA; MATTIUZZI, 2020) tem a reflexão como uma experimentação, sobretudo em torno da ancestralidade, que em nada se conecta com a modernidade (estagnada no tempo e esmagando a criação num campo que se movimenta), e é urgente se rebelar contra ela, a partir das narrativas do povo preto, do povo de santo, das pessoas nordestinas, das pessoas com deficiência, das mulheres, das travestis e transexuais, criando para ontem um abolicionismo subjetivo, histórico e ético.

Montando janelas produtoras de imagens

vento vem me trazer boas novas
Que sempre esperei ouvir
Vento vem me contar os segredos

(Asas - Luedji Luna)

As janelas tomam estes escritos como possibilidade de politização do modo como contamos histórias. Refletir com a imagem da janela, como se tivéssemos abrindo a escrita e deslocando nosso lugar de pesquisadora das histórias que emergem ao longo do artigo.

Janela não se trata apenas um adorno textual, uma imagem bonita para

compor a escrita. Temos nesta ferramenta-palavra já popularmente enraizada nas nossas relações sociais, um conceito que nos acompanha na intensidade e no desenrolar da escrita, assim como na experiência cinematográfica, levando-nos para uma dimensão imagética. As janelas são como as narrativas, emergem para não deixarem as experiências serem incomunicáveis (ADICHIE, 2008). A janela passa a ser um meio pela qual a narrativa desliza, retirando da experiência a ideia estabelecida do que se entende por janela, pautando a possibilidade de trazer para o cerne da discussão a experiência e o gesto de quem conta ou sobre o que conta.

A janela é a ligação do que é narrado com as experiências próprias de quem narra ou quando narrado por outros, por isso que a tomamos como modo artesanal de produção de uma história, como se fosse feita cuidadosamente manual (hooks, 2019). Procuraremos deixar as janelas abertas para conservar a força da narrativa, funcionando como lugar de passagem, um apagamento entre o interno e o externo, para que ela possa se desdobrar e promover espanto e reflexão. As janelas então nos acompanharão neste mergulho da escrita e de vida.

Imagens e narrativas: outras janelas

Imagem é um termo bastante utilizado nos mais variados campos do conhecimento. Na física encontramos como resultado do encontro de um conjunto de feixes luminosos, gerando então um plano óptico. Na Psicologia, a imagem aparece como processo mental que se configura no plano representacional, gerando percepção. Poderíamos ainda pensar outras possibilidades de se afinar a tal conceito, todavia nos concentraremos no que temos produzidos em torno das imagens no cotidiano, e isto não podemos perder de vista.

Não se trata de criarmos uma representação em torno das imagens que estes escritos apresentem, embriagados na questão de Mombaça e Mattiuzzi (2020) nos perguntamos: “Como descolonizar as imagens?” No texto “Por uma nova cinefilia” de Girish Shambu (2020), os cinemas tradicionais estruturados pela modernidade todas imagens se concluem.

Escancarar as janelas não é para nós um imperativo, e sim um gesto. As imagens tradicionais carregam “o saber e viver fora dos domínios governados pela Razão Universal” (MOMBAÇA; MATTIUZZI, 2020, p. 19). A reflexão acerca da ideia do tradicional tem conexão com a própria criação das imagens, possibilitando os riscos e as modulações que as imagens criam. Construir uma imagem é inventar uma experiência, ou melhor, uma experimentação numa aposta política de algo que se faz em ato.

Lustosa (2017) traz o alerta para ausência de determinadas imagens, e que, tal ausência se dá por uma articulação com a dignidade anteriormente apresentada, inclusive quando colocamos as imagens para operar. Pôr as imagens para operar é pensar a partir de uma realidade e de sujeitos, para assim se desdobrarem no mundo.

Ao trazermos a idéia que as imagens operam, temos então na contramão que elas podem não operar? Assim como as janelas que podem facilmente cair num *status quo* que sua existência pressupõe? Em outras palavras, as janelas em si podem nos jogar numa armadilha pela qual o cinema já nos mostrou que pode facilmente cair – uma utilidade de comunicação - um estanque, um objeto manuseável e com uso delimitado, num fim comum, janelas e imagens somente servem para serem abertas. As imagens e as janelas paralisam nosso modo de olhar as coisas quando são universalizadas, dando conta de tudo e nada precisa mais ser dito.

Parar de operar tem conexão com o olho universal que tudo alcança. As publicidades de margarina apresentam uma boa noção disso: ilesas – a família contempla e degusta um bonito café da manhã, esgotadas as imagens seqüenciadas perdem a cidade e os acontecimentos que a podem fazer vibrar, a família comercial de margarina a nada estar atenta, o comercial resume a família a uma cozinha bem planejada e uma mesa farta. Favero (2020) ao pensar acerca do fazer pesquisa na atualidade, convida-nos para localizar a experiência do que pesquisa, pois ninguém sai ileso após uma escrita ou uma pesquisa.

Para as imagens que seguem

llesas, as imagens perdem a força e a potência da eclosão e também sua possibilidade de contágio com outras imagens, tendendo a um desaparecimento. Na contramão do seu desaparecimento, as imagens explodem e acabam com a divisão entre o dentro e o fora, entra a casa e a rua. Assim como as imagens, as histórias ao se inserirem numa política de descolonização não convocam as pessoas para uma individualização. Não seguindo as pegadas traçadas pelas quais a história da mulher que foi contatada na parte inicial deste artigo, pensar novas imagens do sertão é um caminho fundamental na construção de imagens já fixadas no campo da subjetividade humana, e mais ainda, construir novas narrativas que até a atualidade teimam em existir.

As imagens podem nos auxiliar a situar as mais diversas experiências no fazer político, através do confronto e das tensões com as narrativas que as acompanha. Pensar as imagens distantes dos olhares nos direcionam algumas pistas do que encontrar e enfrentar pelo caminho. A descolonização se insere num modo de ver e criar uma imagem nos conectando ao pensamento sobre o outro. As dicotomias em volta das experiências parecem fragilizadas diante dos rumos pela qual a lente pode transitar, corpos e imagens são passagens para novos mundos.

Trazer a descolonização das imagens é afirmar a existência de um incômodo por vários lugares, que rondam as luzes dos postes e entram nas janelas, tiram o sono das calmas pessoas que anseiam mais uma noite de descanso e uma nova rotina no trabalho.

As arestas que atravessam as janelas, desconhecida e atenta à tela que encerra as imagens. Corpos que transitam escapando da iluminação das ruas, numa detonação excessiva de cores, movimentos e da cronologia do tempo-calendário estampado na parede com várias fotos de gente famosa. A imagem não cessa o fechamento, a história não acabará e o vento insiste na história em entrar no casarão.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Meio sol amarelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N.; MARTINS, H.; SCHNEIDER, L. (Org.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa, PB: Ideia/UFPB, 2005. p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. In DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.). Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Vol. 2, Consolidação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011

FAVERO, Sofia. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 15, p. 1-16, 2020. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/e3518/2397. Acessado em 21/11/2021.

hooks, bell. Olhares negros: Raça e Representação. São Paulo: Elefante, 2019.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto traveco-terrorista. Concinnitas (Online), v. 1, p. 384-409, 2017. Disponível em: www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25929. Acesso em 22/03/2021.

MOMBAÇA, Jota. A plantação cognitiva. In: Carneiro, A. (Org). MASP Afte-rall - Arte e Descolonização. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 2020.

MOMBAÇA, Jota.; MATTIUZZI, Musa Michelle. Carta à leitora preta do fim dos tempos. In: DA SILVA, Denise Ferreira. (Org). A dívida impagável. São Paulo: Forma Certa, 2019.

NOGUEIRA, Sidney. Intolerância religiosa. São Paulo: Selo Sueli Carneiro/Pólen, 2020.

OXÓSSI, Mãe Stella de. Meu tempo é agora. São Paulo: Editora Oduduwa, 1993.

SHAMBU, Girish. Por uma nova cinefilia. Tradução Ingá e Rodrigo de Abreu



Pinto. Cinética: Cinema e Crítica, 2020. Disponível em: <http://revistacinetica.com.br/nova/traducao-de-por-uma-nova-cinefilia-girish-shambu/>. Acesso em 02/01/2022.

YEMONJÁ, Mãe Beata. Carço de Dendê: A sabedoria dos terreiros - Como ialorixás e babalorixás passam conhecimentos a seus filhos. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

Recebido em 30 de setembro de 2023 e aceito em 1º de janeiro de 2024

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

